

RESENHA DO FILME “AS SUFRAGISTAS” FILM REVIEW “SUFFRAGETTE”

Juraildes Barreira Nunes

PUC-GO, Faculdade Itop
judnunes@hotmail.com

Andréia Cabral Bezerra

SEMED-Palmas-TO
andreiacabral@gmail.com

O que se pretende aqui é fazer um encadeamento da malha do filme em forma de *insight* criativo, no sentido em que o filme narra o universo de vida das mulheres na Inglaterra no início do século XX, sob a direção de Sarah Gavron e roteiro de Abi Morgan, que registra a luta das mulheres pela conquista de direitos humanitários, sobretudo no direito de votar.

No filme se apresenta um momento histórico de reflexão sobre o direito das mulheres, as quais eram tratadas como “propriedade”. Com base nessa ponderação, um grupo de mulheres que lutava pela igualdade e defesa de minorias, se unem contra a libertação de regras patriarcalistas impostas, um exercício que permite descrever a percepção daquela época, como condições políticas, econômicas e sociais.

Percebe-se uma profusão de ações e reações, tanto pelo lado do mundo dos homens, quanto pelo lado do mundo das mulheres. Mesmo que convivam em realidades próximas, se entende o conflito de percepções e concepções de vidas opostas. A paixão e o arrouba de Maud, dos policiais, do parlamento, do dono da lavanderia e a dos maridos traduzem isso.

A mulher é mãe, o homem é um pai. Cabendo a mulher a função de gestar e educar, quanto ao homem sua funcionalidade está relacionado a ter o papel de progenitor, não tendo a mínima habilidade para educar e criar. Nesse contexto o pai não tem papel no lar. Pode se dizer então que o filme despe esse paradoxo da convivência entre o homem e a mulher. Esse é a disparidade e o desencontro entre ambos. Por isso entrega-se a criança para a adoção.

O tecido social da vida nesse contexto é de dominação cultural, do feminismo, patriarcal, policial, parlamentar e jurídica. As instituições existem em

função do domínio e do controle da mulher. As leis são feitas para que se legitime essa repressão.

O contexto da dominação daquela época é mostrado com imagens que causam indignação da dominação na sociedade daquele tempo. Existe uma dominação do homem sobre a mulher, que se pode denominar patriarcal. As leis são feitas pelos homens para que as mulheres obedeçam. Neste contexto as outras mulheres olham para Maud com um “juízo condenador”, visto que seu marido é considerado fraco pelos outros homens, um vez que, ele não exerce o seu papel de dominador de acordo com os padrões da sociedade patriarcal.

A polícia estrutura todo um aparato de vigilância e de policiamento, tudo isso em função de controlar as mulheres e garantindo o cumprimento das leis. Por isso, o foco da revolta das mulheres é o de muda-las. A campanha pró-voto é apenas para conquistar a emancipação da mulher.

Outro ponto relevante é o assédio moral e sexual no trabalho, que se passa no interior da lavanderia, expondo um mal milenar. Há uma exploração e destruição da mulher através da exploração econômica, que é coroada com a destruição do corpo sexual e da integridade da mulher, tratando-a como ser humano que trabalha e como ser sexuado.

Nesse sentido, o filme sublinha o processo ascendente de conscientização da personagem principal. Ela é assediada ao delatar suas aliadas de campanha. Ela se silencia ao receber a proposta e depois promulga um manifesto na forma de carta, expressando o seu compromisso com a luta das mulheres.

A luta pelo voto não se limita a uma compreensão política pontual ou histórica. É uma luta que descontrói o nó que legitima uma rede de dominações históricas e culturais. Pode se dizer que é a emancipação da mulher do jugo de uma sociedade patriarcal em um sistema de dominação caduco e milenar.

Assim, Emmeliene Pankhurst, líder do movimento “As sufragistas”, lutou por uma campanha nacional de desobediência cível, onde convocaram que todas as mulheres trabalhadoras, fossem para as ruas, lutar pelo os direitos feministas, dentre eles, o voto.

Nesse contexto, se destaca Maud Watts, sem formação política que afronta a correlação de forças da polícia e dos familiares para não voltar para o lar, sendo obrigada a opressão masculina, mas decidindo pela a luta de direitos

das mulheres que estavam sendo exploradas pelo o trabalho, somados a falta de acesso aos direitos sociais básicos.

Pergunta-se qual similaridade que há entre filme, a luta e o sofrimento das mulheres no Brasil?

A história das mulheres no Brasil não é diferente a cadeia de dominação acenada antes, está presente nos dias hodiernos, de modo sutil e silencioso. O assédio moral é recorrente nessa sociedade machista e conversadora.

Os molestamentos de crianças, adolescentes, jovens e mulheres adultas fazem parte da família nuclear brasileira. No exercício da profissão as mulheres continuam tendo uma renda, fazendo o mesmo trabalho, inferior aos homens.

Porém, essa constatação não exclui as desigualdades existentes nesse espaço no que concerne ao gênero, raça/ etnia e condição social, a equidade de distribuição de oportunidades ainda está distante.

Portanto, a tarefa atribuída às mulheres que precisam conciliar a vida no trabalho com as atribuições de ser a principal responsável pelas atividades domésticas e cuidados com os filhos, marcando o debate sobre a divisão sexual do trabalho, é compreender quais os principais dilemas vividos por essas mulheres durante o processo de trabalho e conciliação em busca de seus direitos de igualdade e oportunidade. Nos fazendo refletir sobre a importância das políticas públicas no bojo da luta de emancipação das mulheres na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

AS SUFRAGISTAS. Direção: Sarah Gavron. O roteiro acompanha o despertar político de Maud rumo à libertação das regras sociais do início do século. <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-222967/> Acesso 01 de junho de 2018